

Canudos em debate: a memória como espaço de disputa

Leonardo Guimarães Leite¹

Ao longo destes mais de cem anos que se passaram desde o término da maior guerra civil da história do Brasil Republicano (1896-97), é interessante perceber como as interpretações de Antônio Conselheiro e Belo Monte, variaram logicamente, dependendo das intenções políticas e ideológicas de quem se propôs a rememorar esse acontecimento tão significativo da história do nosso país.

No ano de 2009, completou-se o centenário da trágica morte de Euclides da Cunha, que foi um dos principais intérpretes da Guerra de Canudos, e que por muito tempo, devido à escrita de sua obra-prima *Os sertões: campanha de Canudos* (1902) foi considerado como escritor do livro definitivo sobre o assunto. Segundo o historiador José Calasans (1915-2001) -grande estudioso da Guerra de Canudos- a visão euclidiana prendeu a história de Belo Monte numa “gaiola de ouro”. Contudo um fato inegável para muitos estudiosos deste fato, é que se não fosse *Os sertões*, talvez a história de Canudos seria apagada da memória coletiva nacional².

No final da década de 1970, o escritor peruano Mario Vargas Llosa a partir de um roteiro de filme que não da certo, decide escrever um romance ficcional sobre a Guerra de Canudos. Desde modo, em 1981 é lançado *A guerra do fim do mundo*, um livro que se pretendia além de recontar uma história que já havia sido contada de várias maneiras e de variados pontos de vista, tentar reescrever um dos maiores clássicos da literatura nacional:

¹ Graduando do 7º semestre do curso História da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia.

² Ver ZILLY, Berthold. **A guerra como painel e espetáculo**: a história encenada em *Os sertões*. Revista de História de Ciências Sociais. Revista História, Ciências, Saúde – Manguinhos. vol. V 13-37 julho 1998. http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-59701998000400002 último acesso 15/06/2010.

Os sertões. Com isso, *A guerra do fim do mundo*, torna-se um sucesso de crítica e venda não somente no Brasil como em outras partes do mundo.

Mas a recepção da obra de Vargas Llosa, não é só marcada por elogios. Em 1983, logo no prefácio do seu livro, Edmundo Moniz, deixa explícito que a reedição de sua obra *Canudos: a luta pela terra* torna-se mais necessária do que nunca, principalmente depois da publicação do livro de Vargas Llosa, considerado por Moniz como uma das maiores “falsificações de todos os tempos”³. Todavia, a crítica a obra de Vargas Llosa não se limita, aos escritos de Moniz, mas se estende a outros estudiosos da Guerra de Canudos, sobretudo os historiadores marxistas da década de 1980.

É nosso objetivo neste sucinto trabalho, identificar como se deu o debate sobre a memória de Belo Monte, Antônio Conselheiro e a Guerra de Canudos, a partir da publicação da obra de Vargas Llosa, e sua posterior leitura pelos estudiosos marxistas brasileiros, sobretudo Edmundo Muniz. Intentamos entender ainda, as causas e os fundamentos deste debate, bem como sua relevância para uma compreensão mais inteligível, de como se configura a disputa de interpretações de um fato histórico.

A reescrita de um clássico

Mario Vargas Llosa, nascido da cidade de Arequipa no Peru, é um dos mais renomados escritores latino-americanos. Com formação intelectual basicamente construída a partir de seu exílio voluntário para Europa de 16 anos, publicou várias obras, a maioria constituindo sucesso de crítica e venda inclusive no Brasil, a exemplo de *A casa verde*, *Conversas na Catedral e Pantaleão e as visitadoras*. No final da década de 1970, Vargas Llosa resolve escrever um roteiro para um filme de Ruy Guerra, - *La guerra particular* ou *Los papeles del inferno*-, sobre a história de um acontecimento até aquele momento desconhecido pelo escritor peruano: a polêmica Guerra de Canudos, que se desenrolou no sertão da Bahia no final do século XIX.

³ Ver MONIZ, Edmundo. *Canudos: a luta pela terra*. São Paulo: Global, 2001. p.13.

Completamente “enfeitiçado” pela temática da Guerra de Canudos e pela leitura de *Os sertões*, decide escrever um livro sobre esse acontecimento que ao longo dos anos sofreu várias interpretações de diferenciados grupos e indivíduos.

Em 1981 depois de anos de uma exaustiva investigação documental, leitura bibliográfica e até visita aos lugares onde Antônio Conselheiro passou durante sua peregrinação pelo Nordeste brasileiro, publica em Barcelona, sua melhor obra e a mais trabalhosa até então: *La guerra del fin del mundo*.

Sobre esse romance, o jornal *Herald tribune*, um dos mais influentes da Europa, publica em 1981, a seguinte nota: “é ao mesmo tempo, um grande trabalho literário, uma história de aventura e um drama histórico”, revelando em parte a opinião pública internacional sobre seu trabalho.

No lançamento de *A guerra do fim do mundo* no Brasil, em novembro do referido ano, mais uma vez a obra de Vargas Llosa é recebida com muitos louvores, e chega a ganhar destaque, com uma matéria publicada pela *Revista Veja* intitulada “*Canudos renasce com A guerra do fim do mundo*”. Neste escrito é explicado questões interessantes sobre a produção de seu romance, como seu contato com o cineasta Ruy Guerra, e o financiamento recebido por duas instituições norte-americanas -Tinker e o Wilson Center- o que lhe iria auxiliar a recontar a história de Canudos.

Essa matéria retrata também a mudança de concepção política de Vargas Llosa, que variou desde o apoio a Revolução Cubana de 1959 até a sua defesa a ditadura peruana (1968-1980) de Juan Velasco Alvarado; e sua posterior crítica e desligamento a ambos os governos acima, devido principalmente a supressão da liberdade de expressão.

Para Vargas Llosa, escrever sobre um tema tão caro à história brasileira configurou-se em uma tarefa árdua e bastante complicada. Na construção de *A guerra do fim do mundo*, considerada pelo próprio autor como sua melhor obra, uma das maiores dificuldades foi recontar uma história que já havia sido contada várias vezes e de diversas maneiras. Mas essa nova tarefa, tinha um significado especial para Vargas Llosa: escrever um romance que já planejava desde o início da sua empreitada como escritor: “*um romance*

de aventuras, em que a aventura fosse o principal- não a aventura puramente imaginária, mas com raízes muito fortes numa problemática histórica e social” (SETTI, 1986, p.37)

Esse empreendimento significou ainda, quatro anos de estudos, no qual ele teve que ler documentos históricos e uma centena de trabalhos confeccionados sobre o tema, além de se debruçar sobre um dos maiores clássicos da literatura brasileira: *Os sertões*. Segundo o próprio Vargas Llosa, a leitura de *Os sertões* lhe provocou uma grande emoção - só comparada à leitura de *Os três Mosqueteiros* na infância, e *Guerra e Paz* e *Madame Bovary* na fase adulta-, pois ele via naquele livro entre outros elementos, uma espécie de síntese da história da América Latina

*“é como um manual de latino-americanismo, quer dizer neste livro se descobre primeiro o que não é América Latina. A América Latina não é tudo aquilo que nós importávamos. Não é tampouco a Europa, não é a África, nem é a América pré-hispânica ou as comunidades indígenas, e ao mesmo tempo é tudo isso mesclado convivendo de uma maneira muito áspera e difícil, às vezes violenta. E de tudo isso resultou algo que muitos poucos livros antes de *Os sertões* haviam mostrado com tanta inteligência e brilho literário” (SETTI, 1986, p.39)*

Outra importância da leitura do livro vingador de Euclides, para o intelectual peruano, foi o exemplo da concretude da escrita de um *romance total*, sua grande obsessão enquanto literato. Segundo Gutiérrez, não conseguindo escrever o livro fundacional da história peruana, escreve o brasileiro, querendo representar com isso, a história do continente. (GUTIÉRREZ, 1996, p. 201)

Na estética literária vargalhosiana, faz-se presente a tentativa de recriar grandes painéis da sociedade, herança dos escritores do século XIX, como Balzac, Dostoiévski, Tolstói, Vitor Hugo. É o que realiza na obra *A Guerra no fim do mundo*, na qual o escritor tenta dar um panorama geral do Brasil no final do século XIX, focalizando as realidades

tanto do sertão como da capital do Estado da Bahia, através de seus vários personagens (cerca de 30) e do recurso ao discurso polifônico; enfocando principalmente as lutas políticas que estavam sendo travadas como pano de fundo da guerra. É na tentativa de narrar à história a partir de vários pontos de vista, causando o efeito enigmático, ambíguo e misterioso, que mostra a complexidade de um determinado fato ou assunto, que Vargas Llosa se aproxima dos escritos de Faulkner.

Em *A guerra do fim o mundo* a narração da história, é realizada a partir de vários pontos de vista destacando-se três: os fictícios Galileu Gall - o frenólogo anarquista estrangeiro que se desloca para o sertão baiano em busca de uma comunidade socialista-, Barão de Canabrava - que representa a visão das elites latifundiárias tradicionais da Bahia-, e do Jornalista míope – e o correspondente de um jornal da Bahia que acompanha a guerra a partir da expedição de Moreira César, e que faz um dos papéis de personagens escritores de Vargas Llosa, representando desta forma, não só Euclides, como ele próprio.

Mas o ponto central que permeia *A guerra do fim do mundo* é a retomada da problemática norteadora do livro de Euclides: a dicotomia existente entre civilização e barbárie, que permanece na América Latina até os dias atuais, segundo Vargas Llosa. Para o escritor peruano, a obra de Euclides revela-se um manual de latino-americanismo na medida em que mostra a difícil convivência de culturas distintas no mesmo território. Vem daí sua definição de “cultura hermafrodita” quando se refere à cultura latino americana.

Outro objetivo de Vargas Llosa ao evidenciar a questão civilização X barbárie no Brasil do século XIX, - momento em que o país passava por um grande processo modernizador-, era chamar a atenção de alguma forma, para o fato de que o Peru e algumas regiões da América Latina do final do século XX, precisavam passar por esse processo de modernização. Por isso, seu retorno ao Peru em 1974 e sua posterior candidatura a presidência em 1990, portando o discurso de transformar o seu país em uma potência industrial, não se configura como surpresa e reforça nossa hipótese. Por isso, ao lermos a obra de Vargas Llosa não podemos ser ingênuos e acreditar, que esse autor utiliza a dicotomia civilização\ barbárie, como um empréstimo *ipsis litteris* do escrito euclidiano.

Devemos ressaltar ainda, que a obra de Vargas Llosa não foi só recebida com elogios, louvores e aplausos. Muitas críticas foram tecidas no Brasil para *A guerra do fim do mundo*, principalmente provenientes de historiadores marxistas especialistas na história de Canudos, como Edmundo Moniz. Quais foram essas críticas, e como deu-se sua repercussão na historiografia brasileira?

Crítica artística, ideológica ou historiográfica?

A partir do final da década de 1960, os estudos sobre Belo Monte\Canudos, construído por intelectuais de esquerda se intensificam significativamente, não somente em número mais em qualidade. A interpretação de Belo Monte\Canudos, passa a ser vista, de uma forma oposta, em relação à maioria dos trabalhos. Ao invés de um bando de “fanáticos” e “bandidos”, os camponeses, passam a ser entendidos como “heróis” sociais, que lutavam contra a classe dominante- o governo e o Estado. Com isso eles se tornam um modelo possível, de uma “futura sociedade socialista brasileira” (MACEDO, MAESTRI, 1997, p. 116).

Para esses intelectuais de esquerda, Belo Monte\Canudos teve uma importância ímpar na história do Brasil, pois, houve ali uma possibilidade concreta da materialização de uma sociedade igualitária, aonde o privado deixaria de existir, e o comunismo coletivo prevaleceria.

Uma obra de fundamental relevância para exemplificarmos essas posições, foi produzida pelo historiador Edmundo Moniz, *Guerra social de Canudos* 1978, aonde o autor enfoca o contexto político, regional e nacional que se originou a guerra. Merece destaque também, outra obra de Moniz *Canudos: a luta pela terra*, onde é retratado de forma enfática, que o principal fator que impulsionador da guerra foi à luta pela terra. Belo Monte é visto não como um movimento anti-republicano, mas sim, como uma comunidade que luta contra a desigualdade, que estava representada de forma mais concreta nos latifúndios. Nessa análise, a figura de Antônio Conselheiro, que era na maioria das vezes

associado ao fanatismo e ao misticismo, é transformada no estereótipo do líder revolucionário, o “Lênin do Sertão”, como se referiu Vargas Llosa⁴.

No ano de 1982, *Canudos: a luta pela terra* é reeditado e logo no prefácio, Moniz dispara uma série de críticas para o livro *A guerra do fim do mundo*. A primeira refere-se à estética literária da obra de Vargas Llosa, considerada por Moniz como enfadonha, monótona e tendenciosa. Outro ponto levantado como incorreto em *A guerra do fim do mundo* na opinião de Moniz, diz respeito à descrição de alguns fatos históricos. A principal incoerência identificada seria a representação de Belo Monte como um arraial monarquista. Para Moniz essa imagem é falsa, já que Conselheiro e seu séquito foram perseguidos tanto pelo governo monárquico, quanto pelo republicano.

Como já foi falado acima, Moniz entende que o movimento liderado por Conselheiro, tinha como objetivo central a luta pela terra, um bem que era privilégios de poucos desde a colonização, e que representava naquele momento, um dos principais instrumentos de opressão e exclusão social, por parte das classes dominantes. Moniz entende que se a burguesia tivesse implementado a reforma agrária, não haveria Belo Monte.

Moniz completa sua crítica a obra de Vargas Llosa, afirmando que o escritor peruano se posiciona equivocadamente em relação à Guerra de Canudos, principalmente, quando reproduz a primeira interpretação de Canudos elaborada por Euclides da Cunha, ou seja, aquela que entendia o movimento conselherista como monarquista. Esta visão, confeccionada por Euclides antes de partir para o arraial sertanejo é desfeita quando o correspondente de *O Estado de São Paulo* chega a Belo Monte e percebe outra realidade, em outras palavras, que tanto a república quanto a monarquia eram abstrações difíceis de ser compreendidas pelos sertanejos, devido a isso, o monarquismo não pode ser compreendido como fator impulsionador do movimento conselherista, mas também não podemos negligenciar o seu caráter anti-republicano, já que o Conselheiro entendia que a Proclamação da República havia trazido muitos males para o povo do sertão, como a cobrança de impostos, o casamento civil. (MACEDO, MAESTRI, p.39-40)

⁴ Ver SETTI, 1986, p.44.

Mesmo Vargas Llosa afirmando desde o início de que não pretendia escrever uma obra de cunho histórico, de acordo com Moniz isso “em nada o absolve”, pois até

“o romance histórico tem os seus limites assim como a ficção nos romances desta natureza. Com toda a sua prodigiosa imaginação Victor Hugo não poderia dizer que o marechal Ney morreu na Batalha de Waterloo nem Tólstoi apresentar Kutusov como um ex-assaltante de estrada” (MONIZ, 2001, p.13)

Outro estudioso que tece críticas a obra de Vargas Llosa, é Luiz Alberto Moniz Bandeira, que considerou em um artigo produzido em 1996, e dedicado a memória de Edmundo Moniz que *A guerra do fim do mundo* configura-se como “*historicamente incorreto, literariamente ruim e que, ao contrário de Os sertões de Euclides da Cunha, obra patética, é uma patetice, cujos personagens, a cercarem Antônio Conselheiro são criaturas abjectas, aberrações humanas, físicas ou morais*” (BANDEIRA, 1996. p.10)

Em relação aos sertanejos seguidores de Antônio Conselheiro, Edmundo Moniz compreende que Vargas Llosa, mostra esses personagens como bandidos e fanáticos, desmoralizando com isso os combatentes da maior guerra camponesa da história do Brasil. Para Edmundo Moniz estes homens lutavam conscientemente por uma sociedade igualitária, aonde a terra seria um bem de todos.

Em resposta a esses posicionamentos, notadamente o de Edmundo Moniz, Vargas Llosa responde em entrevista concedida a Ricardo A. Setti, que as críticas a sua obra transcenderam a literatura, e se tornaram ideológicas. Vargas Llosa, completa afirmando de forma irônica, que a obra de Moniz *Guerra Social de Canudos*, foi de muita utilidade na construção do seu romance, por constar elementos ficcionais que ajudaram no processo de criação literária

“Não creio que seja um livro muito científico. Sua tese, sua interpretação de Canudos, na qual o Conselheiro aparece como o Lênin

do sertão, é talvez mais novelesca do que minha própria novela ... Ele [Moniz] chega a dizer coisas tão imaginativas como que Canudos vivia da exportação de couros e lãs para a Europa, que chegou a estabelecer-se, ali, uma infra-estrutura que permitiu a essa sociedade revolucionária exportar para a Europa. Bom, não existe nenhum, o mais mínimo documento para provar isso”. (SETTI, 1986 p.44)

Outra resposta de Vargas Llosa a esses posicionamentos seria a afirmação de que talvez a história da Guerra de Canudos nunca seria descoberta na sua totalidade, justamente, por estar escondida através de uma “cortina de fumaça” que esconde a realidade e “*e que têm mais a ver com o que foi a evolução do Brasil desde então, do que com o próprio fato histórico*”. (SETTI, 1986, p.44)

Considerações finais: a disputa da memória

Peter Burke, explica que a utilização do processo de exclusão e repressão de um fato histórico, deve passar pelos seguintes questionamentos: *quem quer que esqueça o que e por que?*⁵. O mesmo podemos dizer do processo de lembrança de um fato, mas a pergunta que se deve fazer é *quem quer que lembre o que e por que?*

Na discussão historiográfica atual sobre a questão da memória, não podemos nos esquecer segundo Burke, que elas são produtos de grupos sociais, por isso tem determinados interesses ideológicos, políticos, sociais. Devido a isso, é que Burke chama atenção para os estudos do sociólogo Maurice Halbwachs, que desenvolveu o conceito de “estrutura social da memória”, sem querer afirmar com isso, que os indivíduos do mesmo grupo recordam da mesma forma.

Neste debate entre Vargas Llosa e Moniz, podemos perceber claramente uma disputa de memória em torno da História de Canudos. Ambos são representantes de

⁵ BURKE, 2006, pp. 85-86.

determinados grupos, que tem interesses distintos ao retratar esse episódio. Moniz é um cientista social vinculado ao pensamento marxista, que ao resgatar a história deste evento têm o objetivo de mostrá-lo como o maior movimento camponês do Brasil, –comparada ao movimento zapatista no México- que reivindicava como a sua principal bandeira, a reforma agrária.

Não podemos nos esquecer ainda, que quando Moniz escreve *Guerra Social de Canudos* ele vive um contexto de ditadura militar, ou seja, a busca de referenciais históricos que contestaram a ordem vigente, e apontaram um caminho alternativo baseado em uma espécie de “comunismo”, como Antônio Conselheiro, era uma forma de criticar o regime militar, e apontar de alguma maneira o socialismo de cunho marxista, como um caminho coerente para o Brasil do final da década de 1970.

Já para Vargas Llosa, reescrever *Os sertões* e com isso recordar a História de Canudos significa como dissemos acima, a retomada de uma problemática muito cara a história da própria América Latina, que é a questão da civilização e a barbárie. Mas como falamos também, trazer esse tema retratado por Euclides no final do século XIX, para o início da década de 1980, é a tentativa de mostrar que esta questão não está superada e longe de ser resolvida na América Latina. Em outras palavras, assim como Moniz e Euclides da Cunha, o escritor de *A guerra do fim do mundo* também têm uma intenção política ao retratar o episódio da Guerra de Canudos.

As críticas confeccionadas por Moniz em relação a obra de Vargas Llosa, não se configuram como meramente historiográficas ou artísticas, pois transcende estes aspectos e se tornou ideológica como o próprio Vargas Llosa afirmou. Um dos motivos que ajudaram nesta aversão a obra *A guerra do fim do mundo*, diz respeito ao posicionamento político do escritor peruano. Vargas Llosa ficou caracterizado como um político liberal de direita, fortalecendo-se esta imagem, principalmente quando o mesmo se candidata as eleições presidenciais do Peru em 1990.

Em outras palavras, um político vinculado ao pensamento de direita, estrangeiro, escrever sobre um tema tão brasileiro, de tanta importância política para os historiadores do

Brasil da década de 1970-1980, e ainda por cima, a partir de uma perspectiva literária conhecida como *literatura fantástica*, mostrou-se como uma grande afronta a memória dos conselheristas, segundo esses teóricos, especialmente os de vinculação marxista.

Concluimos, entendendo que tanto *A guerra do fim do mundo*, como a obra de Moniz têm grande importância no resgate da memória de Canudos, e que o debate que ocorre, mostra mais uma vez como um mesmo fato histórico pode ser interpretado de várias maneiras, dependendo é lógico de quem se propõem a explicá-lo ou rememorá-lo. Concordo com Vargas Llosa quando ele diz que existe uma grande dificuldade em conhecer a história da Guerra de Canudos na sua totalidade, devido às várias interpretações realizadas, mas devemos nos lembrar que isso não é uma exclusividade deste acontecimento, contudo, se configura como um “fantasma” que ronda e atemoriza quase todos os fatos históricos.

Bibliografia

BANDEIRA, Alberto Luiz Moniz. **O sentido social e o contexto político da Guerra de Canudos**. Site acessado http://www.fundaj.gov.br/geral/observanordeste/Moniz_05.pdf.

BURKE, Peter. *Varietades de História cultural*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

CUNHA, Euclides da. *Os Sertões*. São Paulo: Abril Cultural, 1982.

_____. *Canudos: Diário de uma expedição*. São Paulo: Martin Claret, 2006.

FILHO, Joaquin Antônio de Novaes. *A reconstrução da memória de Canudos no romance realista-fantástico*. In: IV ENCONTRO ESTADUAL DE HISTÓRIA ANPUH\ BA, 4., 2009, Vitória da Conquista. Anais Eletrônicos... Vitória da Conquista: Edições Uesb\ ANPUH\BA, 2009.

GUTIÉRREZ, Angela. R. M. de. *Vargas Llosa e o romance possível da América Latina*. Fortaleza: Sette Letras, 1996.

LIMA, Luiz Costa. *História. Ficção. Literatura*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

MACEDO, José Rivair, MAESTRI, Mário. *Belo Monte: uma história da Guerra de Canudos*. São Paulo: Moderna, 1997.

MONIZ, Edmundo. *Canudos: a luta pela terra*. São Paulo: Global, 2001.

SETTI, Ricardo A. *Conversas com Vargas Llosa*. São Paulo: Brasiliense, 1986.

SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

VARGAS LLOSA, Mário. *A guerra do fim do mundo*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1981.

ZILLY, Berthold. **A guerra como painel e espetáculo**: a história encenada em Os sertões. Revista de História de Ciências Sociais. Revista História, Ciências, Saúde – Manguinhos. vol. V 13-37 julho 1998. http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-59701998000400002 último acesso 15/06/2010.

Revista

Canudos renasce com “A Guerra do Fim Mundo”. Veja, São Paulo, n. 688, p. 84-92, 11 de nov. 1981.